

## DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM

### CIC 1503-1505, 2616: Cristo, o médico

**1503** A compaixão de Cristo para com os doentes e as suas numerosas curas de enfermos de toda a espécie<sup>1</sup> são um sinal claro de que «Deus visitou o seu povo»<sup>2</sup> e de que o Reino de Deus está próximo. Jesus tem poder não somente para curar, mas também para perdoar os pecados<sup>3</sup>: veio curar o homem na sua totalidade, alma e corpo; é o médico de que os doentes precisam<sup>4</sup>. A sua compaixão para com todos os que sofrem vai ao ponto de identificar-Se com eles: «Estive doente e visitastes-Me» (*Mt* 25, 36). O seu amor de predileção para com os enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção particular dos cristãos para aqueles que sofrem no corpo ou na alma. Ele está na origem de incansáveis esforços para os aliviar.

**1504** Frequentemente, Jesus pede aos doentes que acreditem<sup>5</sup>. Serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos<sup>6</sup>, lodo e lavagem<sup>7</sup>. Por seu lado, os doentes procuram tocar-Lhe<sup>8</sup>, «porque saía d'Ele uma força que a todos curava» (*Lc* 6, 19). Por isso, nos sacramentos, Cristo continua a «tocar-nos» para nos curar.

**1505** Comovido por tanto sofrimento, Cristo não só Se deixa tocar pelos doentes, como também faz suas as misérias deles: «Tomou sobre Si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças» (*Mt* 8, 17)<sup>9</sup>. Ele não curou todos os doentes. As curas que fazia eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e sobre a morte, mediante a sua Páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre Si todo o peso do mal<sup>10</sup> e tirou «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29), do qual a doença não é mais que uma consequência. Pela sua paixão e morte na cruz, Cristo deu novo sentido ao sofrimento: desde então, este pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora.

**2616** A oração a *Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso<sup>11</sup>, de Jairo<sup>12</sup>, da cananea<sup>13</sup>, do bom

<sup>1</sup> Cf. *Mt* 4, 24.

<sup>2</sup> Cf. *Lc* 7, 16.

<sup>3</sup> Cf. *Mc* 2, 5-12.

<sup>4</sup> Cf. *Mc* 2, 17.

<sup>5</sup> Cf. *Mc* 5, 34.36; 9, 23.

<sup>6</sup> Cf. *Mc* 7, 32-36; 8, 22-25.

<sup>7</sup> Cf. *Jo* 9, 6-15.

<sup>8</sup> Cf. *Mc* 3, 10; 6, 56.

<sup>9</sup> Cf. *Is* 53, 4.

<sup>10</sup> Cf. *Is* 53, 4-6.

<sup>11</sup> Cf. *Mc* 1, 40-41.

<sup>12</sup> Cf. *Mc* 5, 36.

<sup>13</sup> Cf. *Mc* 7, 29.

ladroão<sup>14</sup>) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico<sup>15</sup>, da hemorroíssa que Lhe tocou na veste<sup>16</sup>, as lágrimas e o perfume da pecadora<sup>17</sup>). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (*Mt* 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (*Mc* 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»<sup>18</sup>.

### CIC 543-550, 1151: os sinais do Reino de Deus

**543** *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel<sup>19</sup>, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações<sup>20</sup>. Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»<sup>21</sup>.

**544** O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (*Lc* 4, 18)<sup>22</sup>. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (*Mt* 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes<sup>23</sup>. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome<sup>24</sup>, a sede<sup>25</sup> e a indignância<sup>26</sup>. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino<sup>27</sup>.

**545** Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (*Mc* 2, 17)<sup>28</sup>. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles<sup>29</sup> e a imensa «alegria que haverá no céu,

<sup>14</sup> Cf. *Lc* 23, 39-43.

<sup>15</sup> Cf. *Mc* 2, 5.

<sup>16</sup> Cf. *Mc* 5, 28.

<sup>17</sup> Cf. *Lc* 7, 37-38.

<sup>18</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas, 7: Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 10, 5-7.

<sup>20</sup> Cf. *Mt* 8, 11; 28, 19.

<sup>21</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

<sup>22</sup> Cf. *Lc* 7, 22.

<sup>23</sup> Cf. *Mt* 11, 25.

<sup>24</sup> Cf. *Mc* 2, 23-26; *Mt* 21, 18.

<sup>25</sup> Cf. *Jo* 4, 6-7; 19, 28.

<sup>26</sup> Cf. *Lc* 9, 58.

<sup>27</sup> Cf. *Mt* 25, 31-46.

<sup>28</sup> Cf. *1 Tm* 1, 15.

<sup>29</sup> Cf. *Lc* 15, 11-32.

por um só pecador que se arrependa» (*Lc* 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).

- 546** Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino<sup>30</sup>. Por meio delas, convida para o banquete do Reino<sup>31</sup>, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo<sup>32</sup>. As palavras não bastam, exigem-se actos<sup>33</sup>. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou como terra boa?<sup>34</sup> Que faz ele dos talentos recebidos?<sup>35</sup> Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (*Mt* 13, 11). Para os que ficam «fora» (*Mc* 4, 11), tudo permanece enigmático<sup>36</sup>.
- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (*Act* 2, 22), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado<sup>37</sup>.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou<sup>38</sup>. Convidam a crer n'Ele<sup>39</sup>. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem<sup>40</sup>. Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus<sup>41</sup>. Mas também podem ser «ocasião de queda»<sup>42</sup>. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns<sup>43</sup>; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios<sup>44</sup>.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome<sup>45</sup>, da injustiça<sup>46</sup>, da doença e da morte<sup>47</sup> – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo<sup>48</sup>, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado<sup>49</sup>, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.

<sup>30</sup> Cf. *Mc* 4, 33-34.

<sup>31</sup> Cf. *Mt* 22, 1-14.

<sup>32</sup> Cf. *Mt* 13, 44-45.

<sup>33</sup> Cf. *Mt* 21, 28-32.

<sup>34</sup> Cf. *Mt* 13, 3-9.

<sup>35</sup> Cf. *Mt* 25, 14-30.

<sup>36</sup> Cf. *Mt* 13, 10-15.

<sup>37</sup> Cf. *Lc* 7, 18-23.

<sup>38</sup> Cf. *Jo* 5, 36; 10, 25.

<sup>39</sup> Cf. *Jo* 10, 38.

<sup>40</sup> Cf. *Mc* 5, 25-34; 10, 52; etc.

<sup>41</sup> Cf. *Jo* 10, 31-38.

<sup>42</sup> Cf. *Mt* 11, 6.

<sup>43</sup> Cf. *Jo* 11, 47-48.

<sup>44</sup> Cf. *Mc* 3, 22.

<sup>45</sup> Cf. *Jo* 6, 5-15.

<sup>46</sup> Cf. *Lc* 19, 8.

<sup>47</sup> Cf. *Mt* 11, 5.

<sup>48</sup> Cf. *Lc* 12, 13-14; *Jo* 18, 36.

<sup>49</sup> Cf. *Jo* 8, 34-36.

**550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>50</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (*Mt* 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>51</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»<sup>52</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>53</sup>.

**1151** *Sinais assumidos por Cristo*. Na sua pregação, o Senhor Jesus serve-Se muitas vezes dos sinais da criação para dar a conhecer os mistérios do Reino de Deus<sup>54</sup>. Realiza as suas curas ou sublinha a sua pregação com sinais materiais ou gestos simbólicos<sup>55</sup>. Dá um sentido novo aos factos e sinais da Antiga Aliança, sobretudo ao Êxodo e à Páscoa<sup>56</sup>, porque Ele próprio é o sentido de todos esses sinais.

**224** *É viver em acção de graças*: Se Deus é o Único, tudo o que nós somos e tudo quanto possuímos vem d'Ele: «Que possuis que não tenhas recebido?» (*1 Cor* 4, 7). «Como agradecerei ao Senhor tudo quanto Ele me deu?» (*Sl* 116, 12).

**2637** A acção de graças caracteriza a oração da Igreja que, ao celebrar a Eucaristia, manifesta e cada vez mais se torna naquilo que é. De facto, pela obra da salvação, Cristo liberta a criação do pecado e da morte, para de novo a consagrar e fazer voltar ao Pai, para sua glória. A acção de graças dos membros do corpo participa na da sua Cabeça.

**2638** Como na oração de petição, qualquer acontecimento e qualquer necessidade podem transformar-se em oferenda de acção de graças. As cartas de São Paulo muitas vezes começam e acabam por uma acção de graças, e nelas o Senhor Jesus está sempre presente: «Dai graças em todas as circunstâncias, pois é esta a vontade de Deus, em Cristo Jesus, a vosso respeito» (*1 Ts* 5, 18); «perseverai na oração; sede, por meio dela, vigilantes em acções de graças» (*Cl* 4, 2).

CIC 1010: o sentido da morte cristã

**1010** Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (*Fl* 1, 21). «É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos» (*2 Tm* 2, 11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Baptismo, o cristão já «morreu com Cristo» sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consoma este «morrer com Cristo» e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu acto redentor:

«É bom para mim morrer em (*eis*) Cristo Jesus, mais do que reinar dum extremo ao outro da terra. É a Ele que eu procuro, Ele que morreu por nós; é a Ele que eu quero, Ele que ressuscitou para nós. Estou prestes a nascer [...]. Deixai-me receber a luz pura; quando lá tiver chegado, serei um homem»<sup>57</sup>.

<sup>50</sup> Cf. *Mt* 12, 26.

<sup>51</sup> Cf. *Lc* 8, 26-39.

<sup>52</sup> Cf. *Jo* 12, 31.

<sup>53</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

<sup>54</sup> Cf. *Lc* 8, 10.

<sup>55</sup> Cf. *Jo* 9, 6; *Mc* 7, 33-35; 8, 22-25.

<sup>56</sup> Cf. *Lc* 9, 31; 22, 7-20.

<sup>57</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos* 6, 1-2: SC 10bis, 114 (FUNK 1, 258-260).